**ENTRE AFETOS, TÁTICAS E FUGAS: OS ENCONTROS VIRTUAIS DO RAPLAB COMO PRÁTICA ANTI-RACISTA.**

*Flávio Eduardo da Silva Assis (Dudu de Morro Agudo)[[1]](#footnote-0).*

O objetivo deste trabalho é narrar as diversas táticas (Certeau, 1998) criadas por adolescentes e jovens para tentar burlar as dificuldades causadas pelas desigualdades sociais e então participar de encontros do RapLab, uma atividade de produção de conhecimento em rede através do rap, durante a pandemia.

O RapLab, que por muitas vezes foi percebido como uma oficina de rap, hoje é entendido como uma atividade de produção de conhecimento em rede, que permite que um grupo de pessoas que nunca teve contato com o rap possa compor coletivamente uma música.

Durante muito tempo acreditou-se que essa composição era o objetivo principal do RapLab, contudo fomos percebendo que a composição não era a única produção possível nessa atividade.

Percebemos que os temas discutidos durante os encontros deveriam ter sua devida atenção, pois são temas importantes para a formação do cidadão, principalmente os cidadãos pretos e periféricos, os que normalmente ocupam o lugar subalternizado (SPIVAK, 2010) em nossa sociedade, e os que consequentemente têm suas vozes negligenciadas.

Alguns dos temas sugeridos e discutidos pelos participantes do RapLab durante a pandemia foram racismo, homofobia, machismo, ansiedade, depressão, etc.

Temas estes que normalmente não fazem parte do currículo escolar oficial e não são frequentemente discutidos em casa, mas que são discussões recorrentes em espaços de organizações sociais e populares, lugares estes que visam "ajudar o negro (e a negra) a se libertar(em) do arsenal de complexos germinados no seio da situação colonial" (FANON, 2008, p.44).

Segundo Fanon (2008) "uma sociedade é racista ou não o é", e eu, enquanto homem preto e periférico, posso afirmar que a sociedade brasileira é.

Carolyn, aluna de bell hooks, disse durante uma aula que "quando você aprende a se examinar criticamente, vê tudo ao seu redor com um outro olhar” (hooks, 2017, p.159) e é justamente esse movimento de auto-exame crítico que é proposto para os jovens participantes do RapLab.

**Palavras-chave:** Rap. Conversa. Racismo.

**Referências Bibliográficas**

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

SPIVAK,  Gayatri Chacravorty. **Pode o Subalterno Falar**. Editora UFMG, 2010.

1. Doutorando em educação na UFF - Universidade Federal Fluminense - flavioeduardo@id.uff.br [↑](#footnote-ref-0)